

S aos quais se digna estender sua mão salvadora, é inevitável que uma alma justa se incline a desejar que Ele não exista".

Esse desejo do enciclopedista parece agora se cumprir: Deus já não existe. Graças à luz da razão, a "Aufklaerung" afugentara, dos últimos recantos do universo, aquelas imagens aterradoras que, através de todos os ritos e de tôdas as religiões, perseguiram a humanidade, desde o mito original e primário. Agora, a gente aprendera a rir-se da crença numa Providência, num céu, num inferno e numa danação, como de "superstições quiméricas". Indiferentes a Deus e ao Além, empenham-se agora os sábios em organizar um mundo agradável ao homem.

"A Natureza e a Razão, eis os meus Deuses!" exclama, cheio de orgulho, o cidadão Jaco Duport, na Convenção revolucionária. Em seguida, uma criança previamente industriada apresenta-se à Assembléia Legislativa e requer como delegado da mocidade, que, de futuro, o ensino já não seja administrado em nome dum "chamado Deus" e sim "consoante os princípios da Razão".

I Para, segundo o gosto do tempo, representar alegoricamente essa deposição de Deus, a Convenção da República Francesa, no dia 10 de novembro de 1793, presta, numa sessão solene, sua homenagem à "Deusa da Razão". Junto com os conselheiros municipais de Paris, Jean Pierre Chaumette, antigo piloto de navio, e atual procurador, conduz, em solene cortejo a "Deusa" para dentro da sala. Sentada numa cadeira portátil, como num trono está ela envolta numa capa azul celeste e traz por cima da cabeça coroadada de folhagem, o barrete da Revolução. Na vida comum, chama-se demoiselle Candeille, é casada com o livreiro Momoro e canta na Ópera.

O presidente e seus secretários acolhem a Deusa com um beijo fraternal nas faces pintadas e convidam-na a sentar-se a seu lado para assistir à sessão da Convenção. Uma vez a ordem do dia expedida, tôda a alta assembléia acompanha, em cortejo, demoiselle Candeille até Notre-Dame, onde a "Deusa da Razão" em meio da música barulhenta duma fanfarrá, toma lugar, vestida à antiga, no altar mor, enquanto todos os assistentes entoam um hino em sua honra.

Num discurso entusiástico, Chaumette brada então que "a Fé tivera de ceder seu lugar à Razão". O povo de Paris acorrera sob estas abóbadas góticas, debaixo das quais, por tanto tempo, soara a voz do erro, até que hoje pela primeira vez, elas ecoam o grito da verdade. Nada de padres! Nada de deuses! a não ser os que a Natureza nos fornece! Requeremos da Convenção que a antiga catedral de Paris seja consagrada à Razão e à Liberdade.

Por ocasião da festa popular que se seguira, em honra da Razão, o desprezo de tôdas as forças transcendentais, o triunfo sobre qualquer medo e respeito exprimem-se com insolência ostensiva e provocadora peculiar a uma emancipação recém-alcançada. A igreja

Y Saint-Eustache, em que se realiza essa festa, oferece, segundo a descrição dum contemporâneo, "o espetáculo duma grande taverna". Encheram o côro da mansão de Deus com mesas onde se amontoam garrafas, lingüiças e pastéis. Enquanto, aqui também, demoiselle Candeille preside no altar-mor, envergando uma capa azul-celeste, — crianças de oito anos bebem aguardente nos cálices sagrados, e enchem a goela de sardinhas, — canhoneiros com o cachimbo ao canto da bôca, dansam com meninas apenas adolescentes que vestiram os hábitos sacerdotais por cima dos seus corpos nus.

Y Fora, em frente ao portão da igreja, acotovela-se um povo ululante e endoidecido, as mulheres com camisolas abertas de onde se escapam os seios redundantes, os homens, com as calças caídas. Com as cadeiras do côro, e os livros da missa, acendem uma fogueira, aonde os zelosos "adoradores da Razão" atiram continuamente novas cruzes, custódias, cibórios e candelabros.

* * *

O conhecimento recentemente adquirido das leis mecânicas que presidem a todo processo físico, leva os pensadores dessa época a supor que os fenômenos sociais também obedecem a leis idênticas e têm de se deixar reduzir a fórmulas matemáticas. (X)

Assim é que Morelly, o autor da obra célebre naquele tempo intitulada "Code de la Nature", considera cada homem como um centro de processos sociais, exatamente como, segundo as leis de Newton, cada molécula de massa constitue um centro de processos mecânicos. Do mesmo modo que, no mundo físico, tôdas as trajetórias e revoluções das massas são determinadas por forças mecânicas, assim também, pensa ele, a evolução social se opera consoante um determinismo estrito que tem de levar a determinados agrupamentos sociais.

Por conseguinte, parecia possível anexar às ciências da natureza uma "física social" que coordenaria os resultados das pesquisas científicas sobre cada processo social. Para êsse fim, procura-se dividir o mecanismo da sociedade nos seus elementos e determinar os serviços e as funções de cada parte individualmente. Uma vez descobertas, assim, as forças lativas de repulsão e de atração que agem entre os "átomos sociais" e suas leis respectivas, tornara-se possível fazer suceder com êxito, uma modificação da existência a uma modificação dos conhecimentos e realizar a "única ordem social-natural, subordinada aos preceitos da Razão" e na qual já não haverá sofrimento, injustiça e medo.

A nova ciência da estatística fornece agora a prova preponderante da possibilidade de alcançar essa "física social". Verdade é que esta ciência fôra primitivamente inventada com o fim de demonstrar a magnificência de Deus. João Pedro Süssmilch, que descobrira a (X)